

Veículo	<i>Zero Hora</i>	Data	28/10/09	Quadrante
Página	2	Fonte Citada	<input type="checkbox"/> Dirigente <input type="checkbox"/> Sem citação <input checked="" type="checkbox"/> Chefe <input type="checkbox"/> Outros empregados	
Composição gráfica	<input checked="" type="checkbox"/> 02 elementos gráficos <input type="checkbox"/> Somente texto <input type="checkbox"/> 03 elementos gráficos <input type="checkbox"/> 05 ou mais elementos	Presença do nome	<input type="checkbox"/> Capa <input type="checkbox"/> Manchete <input checked="" type="checkbox"/> Titulo <input type="checkbox"/> Citação <input type="checkbox"/> Destaque no Texto <input type="checkbox"/> Rodapé/Legenda	
Gênero	<input type="checkbox"/> Crônica <input checked="" type="checkbox"/> Artigo <input type="checkbox"/> Editorial	Entrevista	<input type="checkbox"/> Nota Informativa <input type="checkbox"/> Carta ao Leitor <input type="checkbox"/> Nota Opinativa <input type="checkbox"/> Reportagem	

PASSO FUNDO, 28 DE OUTUBRO DE 2009

Embrapa Trigo

35 anos

Foi com a finalidade de incentivar o cultivo de trigo no Brasil que o Governo Federal, via a lei n.º 470, de 9 de agosto de 1937, criou a "Estação Experimental de Trigo". Este estabelecimento, instalado em 1939, seria formalmente inaugurado em 22 de novembro de 1940, com a presença do presidente Getúlio Vargas, ficando conhecida como "Estação Experimental de Passo Fundo", com sede na localidade de Engenheiro Luiz Englert (hoje pertencente ao município de Sertão, criado em 1963). A triticultura colonial era praticada em terras de mata. O local, uma área de cerca de 1700 ha, fora escolhido por se assemelhar aos preferidos pelos colonos para cultivar trigo. Devido às limitações de localização e, especialmente, com o deslocamento das lavouras de trigo das áreas de mata para áreas de campo, em 1969, esta estação experimental foi transferida para os arredores da cidade de Passo Fundo. Surgia aí, inaugurada em

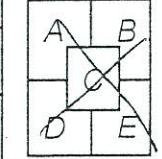
23 de abril de 1972, a "Nova Estação Experimental de Passo Fundo", cujas instalações, localizadas às margens da Rodovia BR 285, altura do atual km 294, viriam abrigar, a partir de 28 de outubro de 1974, a primeira Unidade descentralizada da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária □ Embrapa: O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (Embrapa Trigo).

A Embrapa foi formalmente instalada em 26 de abril de 1973. A nova instituição buscava dinamizar a estrutura de pesquisa agropecuária no País, com o objetivo de tornar o Brasil um grande produtor de alimentos. Na organização da empresa eram contemplados centros nacionais de pesquisa por produtos, temáticos e ecorregionais. E entre os produtos considerados importantes para o desenvolvimento do País estava o trigo. A resolução n.º RD 006/74, assinada pelo diretor da Embrapa, Dr. Almiro Blumenschein, designou Augusto Carlos

Baier, Rui Colvara Rosinha, Erycson Pires Coqueiro, Avahy Carlos da Silva, Mário Bastos Lagos, Amarilis Labes Barcellos, Ottoni de Souza Rosa e Walter Frederico Kugler, para, sob coordenação do primeiro, prepararem o anteprojeto de implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo □ CNPT; com prazo até 30 de setembro daquele ano para a apresentação do relatório.

O grupo de trabalho reuniu-se em Brasília, de 30 de julho a 3 de agosto de 1974. Analisaram-se a tradição de cultivo de trigo no País, o embasamento técnico disponível e a infraestrutura de produção. E foi com base na concentração da produção, na representatividade ecológica, na infraestrutura de pesquisa e de produção, na tradição de pesquisa, na concentração de pesquisadores e no êxito de tecnologias geradas (tecnologia criada no sul se adapta ao norte, mas a reciproca não é verdadeira) que, por unanimidade, definiu-se pela Região Sul para a localização do CNPT. Três locais foram cogitados para sediar o novo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da Embrapa: Ponta Grossa, Cruz Alta e Passo Fundo. Londrina e Sete Lagoas complementariam as atividades do CNPT.

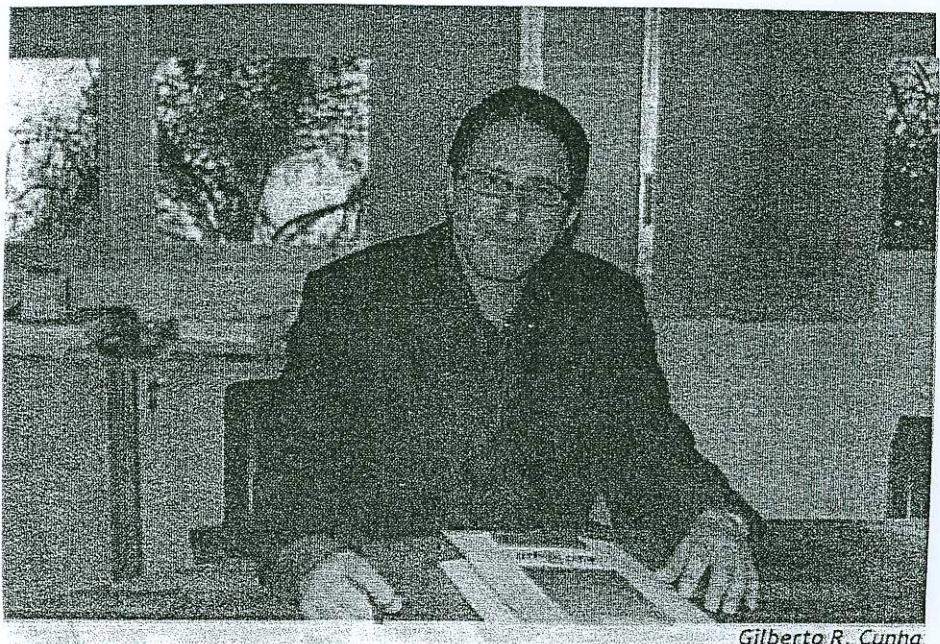
Uma viagem de observação foi realizada de 18 a 20 de agosto, sendo visitadas as bases de Ponta Grossa (IPEAME), de Londrina (IAPAR) e de Sete Lagoas (IPEACO). Não se visitou Passo Fundo e nem Cruz Alta, por serem locais conhecidos dos membros da comissão. Londrina foi confirmada como sendo um ótimo local para receber atividades satélites em pesquisa de trigo e Sete Lagoas foi descartada, passando-se a considerar Brasília para essa fi-

Veículo Página	Zero Hora 2	Data 28/10/09	Quadrante
Fonte Citada	<input type="checkbox"/> Dirigente <input type="checkbox"/> Sem citação <input type="checkbox"/> Chefes <input type="checkbox"/> Outros empregados		
Composição gráfica	<input type="checkbox"/> 02 elementos gráficos <input type="checkbox"/> Somente texto <input type="checkbox"/> 03 elementos gráficos <input type="checkbox"/> 05 ou mais elementos	Presença do nome	<input type="checkbox"/> Capa <input type="checkbox"/> Manchete <input type="checkbox"/> Título <input type="checkbox"/> Citação <input type="checkbox"/> Destaque no Texto <input type="checkbox"/> Reportagem
Gênero	<input type="checkbox"/> Crônica <input checked="" type="checkbox"/> Artigo <input type="checkbox"/> Editorial	Entrevista Nota Informativa Carta ao Leitor Nota Opinativa	Notícia Reportagem

Na visão dos membros do grupo, para receber as instalações do CNPT, sobressaíram-se, em ordem: Passo Fundo, Cruz Alta e Ponta Grossa. Para corroborar a definição, via questionários distribuídos, foram entrevistados técnicos que trabalhavam com trigo no RS, em SC, no PR, em SP, em MG e em GO. As respostas evidenciaram Passo Fundo como a primeira opção, Cruz Alta como a segunda e Londrina em terceiro lugar.

E assim a cidade de Passo Fundo foi definida como sede do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Em 28 de outubro de 1974, com a "missão de executar e coordenar as atividades de pesquisa em todas as s regiões tritícolas do país, objetivando aumentar a produção nacional de trigo", houve a inauguração do CNPT, 1ª Unidade Descentralizada da Embrapa, com a presença do então Presidente da República, General Ernesto Geisel.

Gilberto R. Cunha
Chefe-Geral da Embrapa Trigo



Gilberto R. Cunha

Veículo <i>O Nacional</i>	Data 29/10/09	Quadrante	
Página 19	Fonte Citada <input checked="" type="checkbox"/> Sem citação	<input type="checkbox"/> Dirigente <input type="checkbox"/> Pesquisador <input type="checkbox"/> Outros empregados	
Composição gráfica <input type="checkbox"/> Somente texto	<input checked="" type="checkbox"/> 02 elementos gráficos <input type="checkbox"/> 03 elementos gráficos	<input type="checkbox"/> 04 elementos <input type="checkbox"/> 05 ou mais elementos	
Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Crônica <input type="checkbox"/> Artigo	<input type="checkbox"/> Entrevista <input type="checkbox"/> Carta ao Leitor	<input type="checkbox"/> Nota Informativa <input type="checkbox"/> Nota Opinativa	<input type="checkbox"/> Notícia <input type="checkbox"/> Reportagem
Presença do nome			
<input type="checkbox"/> Capa <input type="checkbox"/> Manchete <input checked="" type="checkbox"/> Título			
<input type="checkbox"/> Citação <input type="checkbox"/> Destaque no Texto <input type="checkbox"/> Rodapé/Legenda			

Os 35 anos da Embrapa Trigo



Gilberto Cunha

 Membro da Academia
Passo-Fundense de Letras

São 36 anos de Embrapa (26 de abril de 1973) e 35 de Embrapa Trigo (28 de outubro de 1974). Num país em que a vida média das empresas é de 8,5 anos (segundo estudo do BNDES, de 2003) esses são números dignos de comemoração e, ao mesmo tempo, passíveis de reflexão. E, na minha visão, fortes indicadores de necessidade de reflexão. Em três décadas e meia de atuação, a Embrapa construiu uma reputação invejável (seu maior patrimônio) junto à sociedade brasileira e até internacionalmente (pelo desenvolvimento da agricultura tropical). Mas, se o seu passado garantiu-lhe notoriedade e forjou o seu presente, não significa que assegurará o seu futuro. E é aí que surge a pergunta chave: que fazer no presente para assegurar o futuro?

Nosso compromisso como dirigente da Embrapa Trigo é trabalhar para que a Embrapa (e particularmente a Embrapa Trigo) reúna condições para se tornar uma organização com expectativa de vida longa. Vale, inclusive, sonhar com a longevidade de uma Stora (empresa sueca de mais de 700 anos) e do Grupo Sumitomo, do Japão, cuja origem data de 1590, ou, quem sabe, um dia integrar associações como a Tercentenarians Club, no Reino Unido, que só aceita filiados com mais de 300 anos. Mas, se sonhar é permitido, há que se examinar as razões que levam as empresas à longevidade. E, nesse tema, os teóricos do assunto são “quase” unâmines em afirmar que o fator principal da maior expectativa de vida de uma organização

é seu contexto interno. E esse ambiente interno, conforme afirma Emerson de Almeida no livro “Fundamentos da empresa relevante” (Editora Câmpus/Elsevier, 2006), que leva os colaboradores a se empenharem (ou não) para que a empresa dure além de sua geração.

Em sua última entrevista para a revista HSM Management, Peter Drucker, pouco antes de morrer (aos 95 anos, no final de 2005), sustentou que nenhuma empresa cresce e sai-se bem para sempre. Ele estimou em 30 anos o período médio de sucesso das organizações, embora admitindo que as mesmas podem se revitalizarem e começarem um novo ciclo de crescimento. Eis um bom motivo para nos preocuparmos: a ameaça do ciclo de 30 anos, conforme vaticinou Drucker. E mais: que podemos (e devemos) fazer para que, ano após ano, a cada 28 de outubro, possamos comemorar com dignidade, sensação de utilidade pela certeza do dever cumprido e com confiança no futuro da organização?

Temos, antes de tudo, que tomar muito cuidado com a chamada zona de conforto. Mais que a satisfação de uma etapa cumprida, devemos nos preocupar com os desafios das novas etapas a serem vencidas. Montar estratégias que levem a nossa instituição a ocupar o posto de referência nacional (em alguns aspectos até internacional) em ciência e tecnologia e que venha a ser reconhecida pelos benefícios trazidos para a

sociedade brasileira (um maior IDH, por exemplo). Temos consciência que devemos cultuar na empresa a inovação pela geração de conhecimento e pela criatividade. Para isso é fundamental, além de uma forte sintonia com o ambiente externo, saber lidar adequadamente com as dualidades do ambiente interno, onde, não raro, a luta pelo poder, a formação de grupos de interesse e a descrença podem sufocar a imaginacão e o comprometimento das pessoas.

Além de um planejamento estratégico aberto para acolher sinais de mudanças de cenário e percepções de colaboradores, o papel da direção para a criação de um ambiente adequado para estimular a inovação e a criatividade é fundamental. É necessário atentar para a responsabilidade de estabelecer procedimentos e políticas que sejam conformes com os dias de hoje, com base em competências exemplares pessoais. Não perder de vista a missão institucional, nem o foco dos valores da organização e seguir princípios que estimulem parcerias (para superar limitações), senso de utilidade, valorização de pessoas, inovação, criatividade e ética nos relacionamentos. Contudo, vale lembrar Raul Seixas: “sonho que se sonha só é só um sonho...”.